

Estado de conhecimento sobre canto coral na Revista da Abem e na Revista OPUS entre 2012 e 2021

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Hugo Bautz Küster
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
hugobkuster01@gmail.com

Rafael Prim Meurer
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
rafael.p.meurer@gmail.com

Jucélia da Cruz Estumano
Universidade Federal do Pará – UFPA
juceliaestumano14@gmail.com

Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
sergiofigueiredo.udesc@gmail.com

Resumo. Este texto tem como objetivo identificar tendências e temáticas emergentes nos artigos que tratam do canto coral publicados entre os anos de 2012 e 2021 na Revista da Abem e na Revista OPUS. Trata-se de uma revisão bibliográfica com enfoque no estado do conhecimento. Ao todo, foram selecionados nove artigos considerando a menção aos termos “coral” e “coro” nos seus títulos, resumos ou palavras-chave. O caminho percorrido envolveu o levantamento, a leitura integral dos textos, a elaboração de sínteses, a discussão entre os autores e a categorização dos assuntos tratados. Foram identificadas seis categorias que indicam os temas que foram discutidos por estas produções: técnica vocal, interação, corpo, coral e educação musical, criatividade e repertório. Para este texto, foi realizada uma síntese dos modos como estes assuntos são tratados pelos artigos em questão, oferecendo um panorama dos principais temas abordados nos últimos dez anos pela literatura coral, considerando estas duas revistas.

Palavras-chave. Educação Musical, Canto coral, Estado de conhecimento, Abem, OPUS.

State of knowledge about choral singing in Revista da Abem and Revista OPUS between 2012 and 2021

Abstract. This text aims to identify emerging trends and themes in articles dealing with choral singing published between 2012 and 2021 in Revista da Abem and Revista OPUS. This is a literature review focusing on the state of knowledge. In all, nine articles were selected considering the mention of the terms “coral” and “coro” in their titles, abstracts or keywords. The path taken involved the survey, the full reading of the texts, the elaboration of syntheses, the discussion between the authors and the categorization of the subjects treated. Six categories were identified that indicate the themes that were discussed by these productions: vocal technique, interaction, body, choir and music education, creativity and repertoire. For this text,

a synthesis of the ways in which these subjects are treated by the articles in question was carried out, offering an overview of the main themes addressed in the last ten years by the choral literature, considering these two journals.

Keywords. Music Education, Choir singing, State of knowledge, Abem, OPUS.

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais de um estudo bibliográfico que está sendo realizado desde 2021 acerca da produção acadêmica sobre o canto coral em revistas brasileiras. Esta pesquisa faz parte das atividades do Grupo de Pesquisa MusE - Música e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Este texto tem como objetivo identificar tendências nos artigos que tratam do canto coral publicados entre os anos de 2012 e 2021 na Revista da Abem e na Revista OPUS.

O caminho metodológico escolhido foi a revisão bibliográfica com enfoque no estado do conhecimento a fim de explorar o que tem sido discutido na comunidade acadêmica nos últimos dez anos, considerando neste artigo apenas as duas revistas mencionadas. A busca pelos artigos foi realizada diretamente nos sites das respectivas revistas. Ao todo, foram selecionados nove artigos considerando a menção aos termos “coral” e “coro” nos seus títulos, resumos ou palavras-chave. Da Revista OPUS, foram selecionados os seguintes trabalhos: Martins e Santos Junior (2016), Meurer e Figueiredo (2018) e Kashima (2021). Da Revista da Abem, foram selecionados os seguintes: Dias (2012), Almeida (2013), Fragoso (2018), Cielavin e Mendes (2020), Brito e Beineke (2020) e Andrade e Penna (2021).

O caminho percorrido se iniciou no levantamento dos títulos, resumos e palavras-chave. Posteriormente foram realizadas as leituras integrais dos textos, seguidas da construção de sínteses e discussões entre os autores desta pesquisa. As sínteses realizadas contemplaram a identificação dos objetivos, problemas de pesquisa, justificativas, referências teóricas, metodologias, resultados, discussões e considerações dos pesquisadores. A partir da leitura destas sínteses, foram verificados os assuntos discutidos pelos artigos e realizada uma categorização com a utilização do *software Obsidian*. Os assuntos foram identificados e agrupados em seis categorias que indicam os temas que foram discutidos por estas produções: interação, corpo, técnica vocal, coral e educação musical, criatividade e repertório. Para este texto, realizamos uma síntese dos modos como estes assuntos são tratados pelos artigos em questão, oferecendo um panorama dos principais temas abordados nos últimos dez anos pela literatura coral nestas duas revistas.

Interação

A interação foi um tema desenvolvido principalmente por Dias (2012). A autora discute as interações que são promovidas na prática coral e seus desdobramentos psicossociais nas relações entre os envolvidos. A pesquisa teve por objetivo “compreender como se dão essas interações que vão sendo construídas nas dinâmicas de ensino e aprendizagem utilizadas em dois coros da cidade de Porto Alegre” (p. 132). A autora discute duas naturezas das interações nas práticas pedagógico-musicais: interações verticais e interações horizontais. As interações verticais estão ligadas às relações de liderança conduzidas pelas regentes e colaboradores e as interações verticais referem-se à relação entre os coristas nos ensaios e entre coristas e plateias nas apresentações. Como resultados da pesquisa, a autora afirma que a riqueza dos dados “fez emergir e ampliar a visão acerca de uma educação musical para além dos aspectos estético-musicais, operando na complexidade das relações humanas que acontecem na prática coral” (p. 139), apontando o canto coral como um processo de educação musical que não se limita a questões técnicas e estéticas. A autora conclui que as práticas pedagógico-musicais também se constituem em práticas sociais e que “os exercícios de interação aplicados no processo de ensino e aprendizagem musical coletiva alcançam desdobramentos em outros setores da vida cotidiana dos envolvidos” (p. 139).

Os demais trabalhos selecionados tratam a interação sempre em relação a seus respectivos focos de pesquisa, atribuindo alguma importância a esse aspecto na prática coral. Brito e Beineke (2021) se referem à interação para mostrar como as crianças idealizam as atividades que podem ser desenvolvidas na prática coral infantil. As apresentações musicais do coro foram analisadas como uma prática social, que tem sentido quando compartilhada com outras pessoas, contribuindo para a dinâmica e a interação entre elas nos ensaios do coro. Em Kashima (2021), a menção à temática da interação ocorre de forma indireta por meio do termo “empatia”. O autor usa o termo ‘empatia’ ao discutir conteúdos atitudinais desenvolvidos em um laboratório de formação acadêmica em regência coral em um coro infantil. Em relação aos conteúdos atitudinais, o autor destaca “[...] atitudes colaborativas, o interesse pelo fazer musical coletivo, [...] e a empatia pelas pessoas do ensaio” (p. 6).

Andrade e Penna (2021) usam a palavra interação para informar que os materiais centrais da vivência realizada em sua pesquisa “foram oriundos do contexto sociocultural dos alunos, caracterizando-se como elementos significativos que promoveram uma experiência

estética vinculada à ludicidade, à interação e à motivação de criar algo próprio do grupo” (p. 347). Assim, a interação é apresentada pelas autoras como parte de quatro dimensões da formação em música: estética, colaborativa, cognitiva/ afetiva e crítica. Cielavin e Mendes (2020) tratam da interação para indicar o alcance da dimensão do conhecimento pedagógico, considerando que na experiência realizada na sua pesquisa foram oportunizadas diferentes estratégias de ensino musical aos coristas por meio do uso das tecnologias. A experimentação despertou muitos conhecimentos, incluindo a interação. As autoras afirmam que os educadores musicais “precisam estar preparados para a emergente interação sofisticada entre o aluno e a música, o aluno e a tecnologia e o aluno e o professor” (p. 60).

Meurer e Figueiredo (2018) incluem a questão da interação na discussão central do seu trabalho que é sobre o corpo no campo da prática coral. Os autores propõem uma ampliação da noção de corpo que considera o movimento corporal “como ação musical imbricada com processos sensoriais, em especial a escuta, e com a cognição musical e em conexão com capacidades humanas exercidas na interação entre as pessoas” (p. 213). Martins e Santos Junior (2016) mencionam a questão da interação quando afirmam, a partir de outros autores, que “a movimentação com as mãos, associada à prática de canto, torna a compreensão e a execução dos sons mais eficaz, além de propiciar significativamente a integração entre os participantes do grupo, melhorar a percepção e exercitar a atenção” (p. 297). Almeida (2013) discute a interação para indicar algumas funções que o canto coral desempenha no indivíduo, como: a musicalização, desenvolvimento da percepção musical, melhora na afinação, no ritmo, na integração e socialização. O autor reconhece que a prática do canto coral traz benefícios para o grupo de terceira idade, afirmando que o canto coral é um veículo de fortalecimento das relações interpessoais e que a música se torna um elemento socializador.

Corpo

Dos trabalhos consultados, Martins e Santos Junior (2016) e Meurer e Figueiredo (2018) têm o corpo como tema central. Nos trabalhos de Almeida (2013), Brito e Beineke (2020), Kashima (2021) e Andrade e Penna (2021) foram encontradas apenas algumas referências à temática.

Martins e Santos Junior (2016) tratam da percepção de coralistas acerca da influência do uso de movimentação corporal na sonoridade e na precisão da afinação. Ao longo do artigo,

os autores reúnem contribuições advindas de diferentes pesquisas acerca dos benefícios da utilização do gesto corporal no contexto da prática coral. Segundo os autores, a “utilização de recursos visuais por meio da integração corpo e voz trouxe [...] resultados positivos, evidenciados pela propriocepção dos indivíduos e apontam melhora do apoio respiratório, menor esforço ao cantar, melhora na afinação e melhor ressonância” (p. 297). Tomando como referência outros autores, Almeida (2013) afirma que o uso de gestos traz alguns benefícios para os desafios associados à técnica vocal e à afinação. Nestes textos trazidos pelo autor, a temática do corpo está atrelada a um uso dos gestos com finalidades técnico-estéticas, numa abordagem que a aproxima das questões relacionadas à técnica vocal, que será abordada na próxima categoria.

Em Kashima (2021) o corpo é mencionado quando o autor considera o funcionamento da voz como sendo um conteúdo conceitual que é estruturado “para que a criança conheça seu corpo, identificando eventuais problemas ou dificuldades que possa encontrar cantando e, acima de tudo, saiba como se manter saudável” (p. 9). Meurer e Figueiredo (2018) problematizam ao longo de seu texto a noção presente na literatura coral de que o corpo é o instrumento do cantor e propõem outra abordagem do corpo a partir do “conceito holístico de personalidade”, desenvolvido por Elliott e Silverman (2015). Os autores afirmam que tratar o corpo como instrumento implicaria separar conceitualmente o cantor do seu próprio corpo. Os autores argumentam também que esta noção “pode fundamentar ou reforçar ações pedagógico-musicais fortemente estabelecidas no campo da prática coral que valorizam o treinamento vocal e a relação hierárquica entre coralistas e regente” (p. 207). Os autores consideram que o conceito holístico de personalidade amplia a noção de corpo e pode ser considerado como fundamento para práticas pedagógicas que enfatizam o caráter ativo da percepção e a interação entre coralistas. Em Brito e Beineke (2020) e Andrade e Penna (2021), a temática do corpo aparece de forma secundária, sem que haja discussão aprofundada a respeito.

Nesta temática referente ao corpo na prática coral, encontram-se duas abordagens distintas nas quais, por um lado, Martins e Santos Junior (2016) e Almeida (2013) tratam o corpo dentro de abordagens pedagógicas que consideram o seu uso para finalidades técnico-estéticas e, por outro, Meurer e Figueiredo (2018) criticam justamente este “uso” do corpo.

Técnica Vocal

Embora não seja um assunto central para os trabalhos consultados, os três textos que tratam de forma mais direta a técnica vocal, Almeida (2013), Martins e Santos Júnior (2016) e Kashima (2021), atribuem a ela grande importância para a prática coral.

Almeida (2013) entende como técnica vocal o conjunto de exercícios que melhoram a afinação, a dicção, a sustentação vocal em notas agudas, o controle da respiração, a preparação corporal, a ressonância vocal e a articulação. O autor apresenta possibilidades pedagógicas que envolvem exercícios de técnica vocal para melhorar a afinação e exercícios de percussão corporal para melhorar a dicção e o ritmo dos cantores. Martins e Santos Junior (2016) apontam que o estudo bem dirigido e a experimentação de diferentes sensações musculares da produção vocal são as bases da técnica vocal: “Com isto, o cantor aprenderá a dominar a tonicidade e a agilidade dos músculos vocais tendo influência na qualidade da emissão, adquirindo uma homogeneidade vocal que, por sua vez, se dá no corpo” (p. 285). Ao investigarem o uso do gestual como melhora da afinação e da sonoridade dos coros, Martins e Santos Junior (2016) tratam diretamente de assuntos relacionados à técnica vocal. Outros assuntos como o aquecimento e relaxamento vocal, vocalizes, passagem de registro, exercícios de respiração, ressonância, brilho vocal, expressividade, projeção, timbre, volume sonoro, ritmo e articulação também foram abordados no texto como componentes da técnica vocal.

Kashima (2021) apresentou uma categorização de conteúdos de ensino para o canto coral infantil, buscando oferecer subsídios teóricos para os regentes na elaboração dos planos de ensaio. A técnica vocal é classificada dentro dos conteúdos procedimentais e o autor a define como uso consciente e eficiente da voz, o que inclui afinação, dicção, articulação, projeção vocal, apoio respiratório e relaxamento muscular, além do conhecimento da fisiologia, registro e extensão vocal, timbragem e vibrato. Brito e Beineke (2020) e Dias (2012) tratam a técnica vocal de forma geral, discutindo possibilidades de aprendizado através da interação social e da criatividade de regente e coristas, incluindo que a técnica vocal pode ser desenvolvida por meio da ludicidade, possibilitando o melhor aproveitamento dos alunos. Dias (2012) ressalta que a técnica vocal é um conteúdo musical desenvolvido por meio das relações, percepção da voz entre os colegas e que essas interações devem ser articuladas pelo regente.

Coral e educação musical

A ideia de que o coro é uma prática educativa e musical é abordada principalmente por Fragoso (2018). Nos trabalhos de Dias (2012), Almeida (2013), Kashima (2021) e Brito e Beineke (2020) encontram-se referências à atividade coral como prática educativa-musical, além da ideia de que o regente é um educador.

Em Fragoso (2018), o “regente-educador” está presente a partir da descrição da própria autora, que se apresenta como uma educadora musical que também atua como regente de coro infantil. Ao apresentar reflexões acerca da criação de arranjos para coros infantis, a autora considera o canto coral como uma das ferramentas possíveis de musicalização, ou seja, como um meio de educação musical, um espaço favorável para o desenvolvimento social, cultural e musical dos indivíduos. Para a autora, o papel de educador(a) musical que o(a) regente desempenha exige que os saberes das(os) cantoras(es) sejam considerados e ampliados a partir dos saberes da(o) regente. De forma semelhante, Brito e Beineke (2020) concluem seu artigo afirmando que a pesquisa realizada “salienta a importância de que regentes/professores de coros infantis dialoguem com as crianças para que os processos de trabalho musical considerem as aprendizagens entre as crianças, entendendo que suas *ideias de música* estão sempre em movimento” (p. 240).

Segundo Dias (2012), “a responsabilidade do regente em relação aos aspectos educacionais cresce ainda mais quando este quer assegurar uma aprendizagem significativa, fazendo com que os coristas possam vivenciar experiências musicais em diferentes dimensões, interior e exteriormente” (p. 132). Almeida (2013) trata o canto coral como um instrumento de musicalização para idosos, considerando a necessidade encontrada em sua pesquisa de solucionar um problema relacionado a dificuldades de ritmo e afinação do coro idoso. Para o autor, a(o) regente “se depara com várias situações no coro em que precisa atuar como educador, tais como: problemas de afinação, ritmo, dicção, entoação, dentre outros problemas músico-técnico-vocais” (p. 122). Para solucionar esses problemas, segundo o autor, é necessário que a(o) regente conheça a pedagogia vocal.

Criatividade

A criatividade no canto coral é tratada por Fragoso (2018), Andrade e Penna (2021) e Brito e Beineke (2021). Fragoso (2018) apresenta algumas reflexões acerca da criação de arranjos para coros infantis. A autora aponta para a necessidade do regente se reconhecer mais do que um educador musical, de se reconhecer um regente-educador-criador que “elabora a sua própria metodologia, constrói seu repertório junto com seu grupo, elabora (sozinho e/ou com seus coralistas) os arranjos de canções que se deseja cantar, compõe” (p. 141). A autora defende ainda que essa criação seja preferencialmente uma prática coletiva, na qual todos os que estão envolvidos sejam convidados a criar, tanto regentes, como instrumentistas acompanhadores e coralistas.

Andrade e Penna (2021) apresentam como objetivo geral compreender que dimensões da formação em música podem ser trabalhadas a partir de uma ação pedagógica que estimule a criatividade e envolva experiências de criação musical no contexto do coro. A análise dos dados revelou a ressignificação da prática coral, com destaque para quatro dimensões de formação em música: estética, colaborativa, cognitiva/afetiva e crítica. As autoras consideram a criatividade com perspectivas contemporâneas de educação musical que valorizam o conhecimento do estudante, o trabalho colaborativo, o desenvolvimento da autonomia e da criticidade. Brito e Beineke (2021) afirmam que “[...] os jogos e brincadeiras propiciam diversão, permitindo que as crianças se envolvam com desafios, interajam e trabalhem coletivamente [...]” (p. 338). Os resultados do estudo apresentam contribuições no que diz respeito à importância atribuída a práticas corais infantis mais participativas, que reconheçam e valorizem as ideias de música das crianças, práticas essas estimuladas e por educadores-regentes.

Repertório

A escolha do repertório foi apontada por Almeida (2013) como um processo fundamental para a preparação do ensaio. Nessa perspectiva, o regente precisa realizar uma análise das peças, ter consciência do estilo e da técnica vocal necessária para a execução, conhecer seus coristas e as limitações do grupo para que as escolhas de repertório sejam eficientes e satisfatórias. Para o autor, o repertório precisa proporcionar uma ligação entre o regente, o coral e o público. A escolha do repertório abordada por Almeida (2013) está diretamente ligada à figura do regente e ao planejamento dos ensaios. De forma semelhante, Kashima (2021) salienta que o repertório e a criação dos arranjos devem ser planejados pelo regente antes do ensaio, afirmando que esta tarefa é responsabilidade do regente.

Fragoso (2018), ao tratar de repertório para coro infantil, aponta que este pode ser construído com o grupo. Nessa direção, a autora considera o regente como educador e criador. A autora enfatiza que diversos conhecimentos podem ser atribuídos aos coristas por meio de “[...] repertório de estilo, gênero e períodos variados e de culturas diversas, ou seja, que contemple, na medida do possível, muitas ideias de música” (p. 144). Brito e Beineke (2021) observaram que as crianças discutem a escolha do repertório e se preocupam com a aprovação deste pelo público, pais, colegas e com a faixa etária a qual essa música se remete. Os autores apontam que “o diálogo das crianças revelou suas ideias sobre quais músicas elas consideram apropriadas à sua faixa etária e o que deveria ser executado pelo grupo [...]” (p. 336). A opinião dos próprios coristas sobre o que querem cantar possibilita que a prática musical seja mais produtiva. Embora o contexto desta pesquisa seja um coro infantil, é possível fazer aproximações entre o vivenciado pelos autores com outros contextos corais, corroborando com Dias (2012), que ressalta a necessidade de se trabalhar um repertório que atenda às demandas do grupo.

Andrade e Penna (2021) também discutem que é preciso considerar as ideias dos coristas na construção do repertório do grupo e que “na perspectiva de um ‘coro criativo’, é possível organizar uma prática em que a aprendizagem do repertório aconteça simultaneamente ao processo de criação musical” (p. 355). Segundo as autoras, o repertório em sua pesquisa “buscava estimular a percepção auditiva, a descoberta da própria voz e de suas possibilidades sonoras, o controle de entrada e saída de ar, experiências voltadas para a projeção, ressonância e articulação vocal, além da vivência rítmica e de exploração da percussão corporal” (p. 344).

Na categoria repertório, foi possível identificar duas diferentes perspectivas entre os autores. Enquanto Almeida (2013) e Kashima (2021) enfatizam que a escolha de repertório é uma função do regente, Andrade e Penna (2021), Fragoso (2018) e Brito e Beineke (2021) salientam que este pode ser escolhido e construído com o grupo coral, corroborando com o aprendizado e o interesse dos coristas pelo repertório. Diante dos trabalhos consultados, pode ser observada uma tendência à inclusão dos coralistas no processo de escolha ou mesmo de criação do repertório, atividade esta tradicionalmente atribuída ao regente.

Considerações finais

Este texto teve como objetivo identificar tendências e temáticas emergentes nos artigos que tratam do canto coral publicados entre os anos de 2012 e 2021 na Revista da Abem e na

Revista OPUS. As tendências identificadas nos artigos das revistas estão relacionadas às temáticas: interação, corpo, técnica vocal, coral e educação musical, criatividade e repertório. Os autores demonstram propensão por esses assuntos, seja de forma principal ou secundária.

Apontamos como temática emergente o tema da tecnologia atrelada ao canto coral, das autoras Cielavin e Mendes (2020). A pesquisa teve como objetivo investigar tecnologias digitais que contribuam com a formação do regente e com o desenvolvimento da prática coral de adultos, evidenciando que os recursos tecnológicos podem contribuir com a prática coral. A utilização da tecnologia foi fundamentada nas interseções entre os conhecimentos do conteúdo, pedagógico e tecnológico, contribuindo de diferentes maneiras no processo de ensino e aprendizagem musical dos coristas. Como hipótese a ser confirmada na ampliação desta revisão, consideramos que o uso das tecnologias no canto coral pode ser um tema emergente, pois poderão surgir novos trabalhos relacionados ao contexto atual de enfrentamento ao coronavírus, onde a tecnologia se tornou a principal forma de comunicação, transmissão de conhecimento e de aproximações.

Este texto trata de um recorte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida e, portanto, suas conclusões devem levar em conta os limites aqui estabelecidos: os temas discutidos pela produção publicada sobre canto coral nos últimos dez anos nas revistas acadêmicas da Abem e da Anppom. A maior parte dos artigos que tratam do canto coral nestas duas revistas foi publicada entre 2018 e 2021 (seis artigos), enquanto entre 2012 e 2016 foram publicados apenas três. Neste recorte, identificamos seis temas discutidos pelos artigos, mesmo quando estes temas não eram o foco de seus estudos e apontamos um panorama sobre os modos como estes temas foram abordados.

Este recorte não enfatizou em sua análise outros aspectos relativos a estas pesquisas que podem ser explorados em investigações futuras, tais como: as metodologias e instrumentos de produção de dados utilizados, a origem das pesquisas (se realizadas por pesquisadores em formação ou por pesquisadores profissionais do campo), o tipo de coral investigado (infantil, adulto, de idosos, universitário, em igrejas, em empresas...) ou mesmo os resultados em si que cada pesquisa apresenta.

Referências

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. *Revista da Abem*, v. 21, n. 31, p.119-133, 2013.

ANDRADE, Klesia Garcia; PENNA, Maura. Criação musical na prática coral: dimensões da formação em música. *Revista da Abem*, v. 29, p. 337-357, 2021.

BRITO, Dhemy Fernando Vieira; BEINEKE, Viviane. Ideias de música no coro infantil: por que e para quem as crianças cantam? *Revista da Abem*, v. 28, p. 328-343, 2020.

CIELAVIN, Sandra Regina; MENDES, Adriana do Nascimento Araújo. A aplicação de tecnologias digitais no canto coral de adultos e suas múltiplas possibilidades. *Revista da Abem*, v. 28, p. 46-64, 2020.

DIAS, Leila. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da Abem*. v. 20, n. 27 p. 131-140, 2012.

FRAGOSO, Daisy. Arranjo para coro infantil: alguns recortes e ferramentas. *Revista da Abem*, v. 26, n. 41, p. 139-166, 2018.

KASHIMA, Rafael Keidi. Conteúdos de ensino para o Coral Infantil: a experiência do Laboratório de Regência Coral Infantil (LARCI). *Opus*, v. 27, n. 2, p. 1-18, 2021.

MARTINS, Weider; SANTOS JUNIOR, Celso Luiz Gonçalves dos. Canto coral: o uso do gesto como auxílio na afinação e na sonoridade. *Opus*, v. 22, n. 2, p. 283-302, 2016.

MEURER, Rafael Prim; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Ideias de corpo na prática coral: considerações a partir do conceito holístico de personalidade. *Opus*, v. 24, n. 3, p. 202-215, 2018.